

Cláudio Baptista Carle

O IMAGINÁRIO DO ESPAÇO ARQUEOLÓGICO DO PASSO DOS NEGROS

RESUMO

Artigo produzido a partir de uma visita etnoarqueológica ao espaço semi-urbanizado conhecido como Passo dos Negros. Este estudo evoca o pensamento interpretativo de Gilbert Durand sobre a organização e ocupação dos espaços pelos diversos grupos humanos ao longo de vários anos e os reflexos do conflito na ocupação territorial atual.

PALAVRAS-CHAVE: Negros; Pelotas; Passo dos Negros.

ABSTRACT

Article produced from an ethnoarchaeological visit to the semi-urbanized space known as Passo dos Negros. This study evokes Gilbert Durand's interpretive thinking about the organization and occupation of space by various human groups over a number of years and the impact of conflict on the current territorial occupation.

KEYWORDS: Blacks; Pelotas; Passo dos Negros.

Todo imaginário é real. Todo real é imaginário. O homem só existe na realidade imaginal (SILVA, 2012, p. 1).

O presente ensaio reflete discussões em desenvolvimento no campo do imaginário e nas reflexões produzidas a partir das atividades realizadas no lugar foco deste texto. O imaginário que trato não é apenas fantasia, mas a realidade, pois bem diz Juremir Machado da Silva, o real é imaginário e o imaginário é real (2006). Não é um jogo de palavras, mas uma aura a que me refiro, é uma forma de pensar o mundo, é uma base de referência ao estudo, é um pensamento totalizante.

A aura no Imaginário, são as

forças irrefreáveis, inconscientes e evidentemente imateriais, balizadoras das nossas ações, que estão constantemente se desconstruindo e se reconstruindo, sem poder ser medidas, acabam por estabelecer o vetor das nossas práticas (SILVA, 2004, p. 28).

A abordagem que evoco está enquadrada pela totalidade que é esta aura. Não é apenas pensamento, é refletida na ação. O grande pensador Gilbert Durand (morreu em 07-12-2012) é considerado o “pai” deste pensamento. O Imaginário é uma aura que paira para a reflexão sobre as pesquisas e sobre os pesquisadores deste campo da Antropologia, e nela a Arqueologia.

Ao ser convidado para escrever este texto, me veio a noção de memória expressa na cultura material de um lugar. A memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. A memória é um fenômeno coletivo e social, um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLACK, 1992, p. 200). Acompanhando os estudantes e com a responsabilidade de situar estes ao lugar que investigamos, nos deparamos de forma quase imediata com um estrato muito antigo e símbolo desta região do país. Estávamos frente a uma figueira, poderosa fornecedora de sombra a esquina de um caminho. Evidências nas raízes desta expressavam sua contemporaneidade, marcada por fragmentos de potes cerâmicos e restos de velas, além de objetos de plásticos e madeira descartados, um pequeno depósito de lixo e de “feitiços” impregnados de anseios africanistas. Nestas mesmas raízes a antiguidade da área é percebida no assentamento de fragmentos de potes muito antigos e pequenos fragmentos de pedras. Ali se fazia sentir a força de um passado muito antigo conhecido como de “construtores de cerritos”. Os Cerritos

encontram-se na proximidade das lagoas ou em banhados ao longo dos rios (...) agrupados, mas há

também os solitários (...) podem ser dezenas ou mesmo centenas (...), muito conhecidos dos fazendeiros, que os protegiam, eram, nos tempos de enchente, os únicos pontos onde o gado estava resguardado das águas (SCHMITZ, NAUE e BECKER, 1991, p. 102).

Cerritos que poderiam ter se distanciado das manifestações africanistas mais recentes ligadas as “casas de religião africana”, mas o pensamento tem resiliência na ação humana sobre o espaço. Há uma convergência humana para os lugares. Juremir Machado da Silva (Jornal Correio do Povo, 24/01/2013, p. 2) diz que a resiliência “é descrita como a propriedade de certos corpos acumularem energia sob tensão sem ruptura. A vara verga, mas não quebra. O corpo volta ao estado normal depois de ter sofrido uma forte pressão”. Há uma manutenção deste pensamento quase que literalmente na forma que foi produzido em suas origens, sem grandes modificações. O que fora um aterro, um pouso de gado das águas, agora evoca o poder dos encantados. Estávamos frente a isso, algo que no passado era forte e que na atualidade, por outras vias, mantinha sua força, a força do acúmulo de terra demarcador de uma cultura milenar, agora tomava outra força na sua representação enquanto espaço ritualístico do “batuque” gaúcho.

Estávamos frente aquilo que o pensamento ético (DEAGAN, 2008) chamou de *Cerritos*, e o pensamento êmico atual chama, nos objetos que verificamos, como *despacho*, o lugar de descarte após o *Eborí* (SANTOS, 1993). Essas memórias postas em um mesmo espaço, uma construída a partir das ideias que temos de povos de pelo menos dois mil anos (SCHMITZ, NAUE e BECKER, 1991), e, outra desenvolvida de forma direta pela captura da força do lugar, com o mesmo sentido de seus primeiros ocupantes, que enterravam ali seus parentes, marcando o lugar com objetos, que são hoje pela consciência convergente dos arquétipos (DURAND, 1989) que constitui o lugar e as forças que o compõem. O pensamento “analogon que a imagem constitui não é nunca um signo arbitrariamente escolhido, é sempre intrinsecamente motivado, o que significa que é sempre símbolo” (DURAND, 1997, p. 29). O “símbolo” da ocupação permanente das forças alcançadas que configuram o valor do lugar é defendido até o presente.

A percepção da fenomenologia da imaginação de Bachelard (1990), evidencia que há algo subterrâneo na área do lugar em conhecimento pela ciência (arqueológica) e na memória social (do brasileiro), daquilo que está soterrado (e assim se torna subterrâneo) pelo pensamento materialista, que enfatiza por anos a prova material dos objetos. Este subterrâneo está ligado a sua base indígena e africana, que o pensamento europeu soterra. Esta múltipla matriz marca as ambiguidades dos textos e configura o que é peculiar na condição cultural brasileira: a capacidade de unir o

imponderável. O lugar é indígena e afro-brasileiro. A partir de Durand (2011, p. 80) posso chamar isso de Pluralismo, a *illud tempus* do mito, o mito contém seu próprio tempo numa espécie de relatividade generalizada onde o passado e o futuro independem entre si, o mito da superação dos antecessores está na comprovação final do que eles produziram. É uma forma brasileira de ocupar aquele espaço hoje. É um “patrimônio”, aqui preferiria utilizar matrimônio pois é pelo seio da mãe que estes espaços se mantêm na cultura, inexorável sustentado pelo fazer valer a pena, nele que é um cerrito (espaço indígena anterior), se depositam as forças dos encantados na brasilidade atual das manifestações dos terreiros.

Olhávamos para este lugar e observávamos um local onde cruzavam duas imagens, que em realidade são uma única força, uma perspectiva ligada às forças dos encantados. Os encantados que suscitaram as construções de cerritos no passado, como lugares demarcatórios de ocupantes humanos ao meio de áreas alagadas, que possibilitaram muitas vezes os enterramentos de seus entes queridos e todo a sorte de significados que tais enterramentos podem suscitar. Só o elevar no terreno destes lugares já marcava um encantamento humano que servia aos benefícios de ações de viver, de poder e de identificação, humano-objeto. Na atualidade reescrevem o seu uso, como lugar de oferenda aos espíritos e forças da natureza, que para alguns um dia foram humanos, e as marcas de humanos que agregados e conformando a natureza criaram aquele promontório, que em parte ainda permitiu ao estabelecimento daquela figueira centenária. Aparece a revitalização da imagem simbólica (DURAND, 1997, p. 28) de “outros mundos” refletida nos restos culturais dos dois grupos humanos. Aparece o sentido fundador do mito (DURAND, 1997, p. 32-42). O mito está intrincado com o cotidiano e é a base para as ações humanas. Somos indivíduos guiados pelos mitos, que muitas vezes são elaborados a um momento de celebração ou festa, mas que no fundo carregam uma essência advinda das noções antigas, de heróis e indivíduos comuns (DURAND, 1997). Estes mitos expressos na cultura material são contundentes. “No imaginário, essencialmente motriz e sedimentação estratigráfica, como num terreno com vestígios arqueológicos separados por camadas temporais, o homem consolida-se como ente simbólico” (SILVA, 2012, p. 5).

Apesar de separarmos por nossa compreensão das “culturas” que se colocam uma dita indígena, outra dita afro-brasileira, em realidade os gestores antigos e atuais sentem naquele espaço a força que os impele a ocupá-lo de forma tão rica. É então um lugar de poder no passado e no presente. “O imaginário é uma língua” (SILVA, 2012, p. 2).

Ao continuarmos nosso passeio encontramos muito próximo do promontório, onde o mito se consolida, lugar encantado da figueira, um espaço ritualístico por excelência, em que nos deparamos de forma com a

convergência (DURAND, 1989), emblemática dos imaginários configuradores da região, no Passo dos Negros, antigo caminho das tropas, e lugar de nascimento do nome da atual da cidade, a passagem das pelotas, tradição imbricada aos descendentes dos “construtores de cerritos”, a casa dos encantados, estava lá a “casa de religião” Ogun Beira Mar e Caboclo Tupy. Ogun o guerreiro africano forjador das armas dos encantados e o mestiço de índio, espírito das matas, marcador de passagem o Caboclo Tupy. Podemos dizer que as regras do imaginário são as regras culturais onde o coletivo participa e explica suas ações em uma “fala imaginal”. A cultura é paulatinamente alterada pelos os agentes imaginais, ou seja, os atores sociais percebem necessário alterá-la (SILVA, 2012).

As entidades ali identificadas, já nativas naquele espaço, expressaram o enfoque que constitui o próprio lugar. O indivíduo está na cultura, ou seja, é um ente cultural (SILVA, 2012). O indivíduo entra no imaginário pela “compreensão e aceitação das suas regras” a o fazê-lo engendra sua participação “pelos atos de fala imaginal” suas vivências e altera àquele imaginário, pois torna-se um “agente imaginal”, um ator social daquela situação (SILVA, 2012, p. 2). Nesta reflexão sua natureza está imbricada pelas forças constituidoras do âmago dos seres estabelecidos e criadores daquele lugar, assentamentos negros, considerando que do século XVII ao século XIX, negros são indígenas, africanos e descendentes escravizados, os moradores imaginais daquele *ethos* são os negros, do *Passo dos Negros*.

A convergência entre as grandes nações faz constituir e consolidar aquele lugar como um todo, une-se o antigo ao novo pela força do imaginário convergente (DURAND, 1989). O lugar mais amplo fora o *passo das pelotas*, demarcador cronológico da chegada do europeu de origem espanhola. Este europeu viu barcos em forma de bola (*pelotas* em espanhol), levados de um lugar a outro por nativos, que ainda assentavam-se próximos aos seus promontórios, chamados agora *murrinhos de terra preta* (como dizem os moradores do Capão Seco – Rio Grande-RS, 2015). Os encantados, manifestações cosmológicas, dos negros, agora africanizados, conduzem a reverência ao lugar que se transforma por força das palavras no *Passo dos Negros*. O lugar então está tomado pelas encantarias e assenta as comunidades remanescentes destas entidades humanas e não-humanas, que sustentam o lugar. Nesta cidade atual, neste Brasil, que a muito deu as costas as suas origens, viu o promontório ser recortado e dilapidado, permanecendo hoje apenas parte de seu todo original.

Chegáramos por um caminho hoje mais alto e seco em relação à realidade do *murrinho*. Um novo ente imaginal, pois foi criado para barrar as águas antes mais fluídas e que possibilitavam aos indígenas, depois aos

africanos e descendentes a aportarem no lugar. O dique, que forma este espaço, hoje uma estrada, conhecida como Estrada do Engenho, marca um novo momento naquele espaço. Agora o imaginante que compreende sua vivência neste real que é guiado por um imaginário coletivo (SILVA, 2012), que possibilita o trânsito dos novos ocupantes do lugar, temos agora catadores e pescadores que se servem deste novo caminho. Catadores estes que levam e trazem seus cavalos, os amarram aqui e ali, junto as arvores e caminhos marcam a área. Cavalos que puxam as carroças, levados para este ou aquele pasto melhor, como fizeram os tropeiros no passado ao pararem sobre este ponto, após a passagem do canal, para alimentar e manter vivas suas tropas antes de seguir viagem para o norte.

O novo caminho circunda boa parte da ampla área que ainda é hoje o *Passo*, um caminho mais alto, produzido provavelmente pela técnica do “bota dentro”, que é a retirada de aterros da própria área abrindo-se com isso um amplo canal. O que este processo de construção criou foi este caminho elevado, um dique, nele vê-se a fissura com comportas que permitem a passagem das águas dos vários canais que se ligam ao canal principal, que o ladeia. Este canal menor faz paralelo o serviço de condução de águas ao lado, mas que o serve pela passagem por estas comportas com os excessos de águas, que para lá fluem nos períodos chuvosos.

O grande canal que evocamos é o que faz homenagem ao Beato português *Gonçalo do Amarante* (1187-1262). Este caminho elevado superior em altura ao cerrito, foi construído após a grande enchente de 1941, que assolou todo as cidades a beira dos afluentes que constituem os provedores da Lagoa dos Patos. O grande dique tenta impedir que as águas dos arroios e canal invadam a cidade, e possui no local uma casa de bombas, a fissura antes dita, que tem por objetivo lançar as águas para fora. Talvez a imaginação de afastamento e aproximação com as ideias comungadas (DURAND, 1997) que promove a ideia de ruptura necessária no dique que fecha a área, circunda-a, e que Juremir da Silva (2012) já alerta para o procedimento do cientificista, marcado pela ideia de um rigor e por uma objetividade, mas que não se percebe “movido por ambições” de alcançar a verdade ou o reconhecimento, movido pelo seu imaginário próprio (SILVA, 2012, p. 4), tenta desconstruir as imagens que sempre marcaram o lugar, mas este resiste.

O dique propicia que os seus moradores refaçam o próprio sentido do lugar, o reocupem, agora como catadores, e assentem-se diretamente sobre o dique, ruptura marcante do próprio dique. O contágio do imaginário social (SILVA, 2012, p. 4) frutifica-se na mente dos que olham aos outros, pelo campo mítico (DURAND, 1997), pelo imaginário, é possível compreender as materialidades sociais, o pensamento humano na sua comprovação, pela cultura material nas significâncias dos cotidianos dos inconscientes coletivos. O lugar é agora sua via, lugar de sua casa, lugar de

viver, do que antes fora um dique. “Pelo imaginário o ser constrói-se na cultura”, lembrando que “o imaginário não é a cultura, nem a crença, menos ainda a ideologia”, é por “meio do imaginário” que “o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece-se a si mesmo” (SILVA, 2012, p. 4). O dique agora é lugar tomado pelos descendentes daqueles outrora escravizados passavam e repassavam o lugar, como ligados as tropas, como ligados ao gado, como ligados as charqueadas, como ligados aos campos, e outras ligações.

O dique que separara o que estava antes constituído, como o lugar de dispersão do gado, demonstrado ainda pela presença de um sobrado de matriz urbana, construída naquela época em espaço rural, a casa da charqueada****. Esta estrutura hoje escondida daquele novo caminho por uma frondosa árvore, jaz inerte como marca do tempo, em que para este lugar centenas, talvez, milhares de negros escravizados foram sacrificados ao trabalho e aos mandos dos senhores locais, mas que marcaram o lugar com seu sentido de vida expressa hoje na contínua ocupação e usos do lugar. Agora deste passado a sombra destas árvores jaz apenas a sede daquele espaço de pujança criado sobre o trabalho dilapidante das vidas consumidas pelo sal de cada dia. A visão não faz beleza, mas demarca que entre o tempo da passagem contínua de gado, no caminho das tropas e a presença dos catadores e pescadores atuais, esteve lá a imagem do gado, transformado em charque, pelas mãos carcomidas dos negros escravizados no saladeiro. As mortes provocadas por este escárnio são também lembradas na casa de “religião” e na esquina da figueira, lugar de expressão dos imaginários africanos tão antigos quanto o próprio lugar.

A constituição desta charqueada, no lugar, está marcada pelo deslocamento dos animais muares, cavалares e bovinos os quais passavam continuamente na ponte “dos três arcos”, que visitamos em grupo. Ponte esta que possibilitava os animais chegarem ao antigo *Passo*. Neste sentido, na audiência pública para discutir questão do Passo, verificamos uma colega de estudo focada na questão da Ponte, que um morador chamava de “bueiro” ao que ela teceu críticas. Juremir M. da Silva indica que os cientistas são movidos por ambições e paixões, “isso é o imaginário”, o problema é que a “ciência avança em clima de concorrência, de competição” (SILVA, 2012, p. 4). Superar outros pesquisadores vira foco e não a compreensão dos universos do vividos, não o foco sobre os povos em estudo. Uma ponte, um objeto sem significado, recebe um significado importantíssimo em comparação aos moradores. Mas o argumento daquele que conhece o lugar chama a ponte de bueiro, e por que disso? Tal sentido como um bueiro, como um lugar de escape às águas da chuva, represadas no lugar, o bueiro toma força e sentido para aquela antiga construção de tijolos, infelizmente a pesquisadora não se atina a compreender o que o morador diz e evoca o sentido de sua própria construção como tal, como

uma ponte, por onde passava a riqueza da Região, que teria dado ao lugar o nome de *Passo Rico*. Riqueza para quem? Tal digressão de ideias nos fez visitar nossas metodologias e assim trazemos para este campo de disputa de significado a ideia de trajeto antropológico (DURAND, 1997) que hoje proporciona a continuidade da arqueologia como ciência brasileira. A ciência há que respeitar os desejos dos povos.

No contexto proposto da simples conservação como patrimônio de uns no passado, como o *illud tempus* (ELIADE, 1992, p. 43), cabe reforçar que “numa acepção mais antropológica, o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois (no qual se pode interferir em maior ou menor grau)” (SILVA, 2012, p. 2). Eis o trajeto antropológico da ponte, reivindicamos aqui o significado daquele lugar no presente e se pode compreender “um modo de ser partilhado com outros” partilha essa que muitas vezes é esquecida pelos pesquisadores.

O “pensamento humano é uma re–presentação, isto é, passa por articulações simbólicas” (DURAND, 2011, p. 41). A ideia de um bueiro naquilo que ele executa, faz mais sentido para os locais, que a ideia original de sua construção como ponte. Hoje esta ponte escoas águas paradas e não mais um riacho em movimento constante de quando ela foi concebida. Não descarto o seu valor histórico, mas este está hoje reforçado pelo seu valor funcional no presente, cercado por inúmeras construções que jamais a valorizaram, O valor de escoamento das águas da chuva, é maior que o antigo “fluir da ribeira”. Águas hoje que avassalam a área, pois foi cercada de muradas, aterros, bairros e tantas outras edificações. Seu sentido original como propiciador do fluxo das águas torna–se outro pois permite dar vazão as águas, como uma abertura a este fluxo, como um bueiro, que pelo nome que lhe é atribuído pelos locais. “Não se trata de nenhuma descoberta revolucionária dizer que o homem é homem por construir imaginários que o impulsionam no processo infindável de humanização” (SILVA, 2012, p. 5). A capacidade de representar através das imagens do presente o passado criam os caminhos para compreendê-lo, pois as repetições, “conjunto relacional entre vários elementos que podem até ser contrários e contraditórios” (SILVA, 2012, p. 84) criam os sistemas necessários a serem compreendidos dos universos arqueológicos deste presente estudo.

O trajeto antropológico do *Passo dos Negros*, que não é algo morto nas vicissitudes de uma mitologia antiga já perdida no tempo, está em construção. Construção constante destas populações que o refazem e reconstroem em seus imaginários sobre este lugar. O imaginário nos possibilita compreender os escritos desenvolvidos e as intenções constitutivas dos objetos da cultura, objetos como *Passo dos Negros*, constantemente mantido dentro de um inconsciente coletivo que guia as

ações dos grupos humanos que dispõem dele. Os grupos urbanizados de Pelotas já lhe deram as costas, faz muito tempo, mas seus moradores estão marcados pelos mitos fundantes, mitos estes representados nos sistemas de compreensão e usos dos espaços, nos rituais religiosos que remontam a memória do imemorial período de ocupação dos construtores de cerritos. Memória na constante reutilização do promontório onde assenta uma figueira, hoje a beira de um caminho, mas que antes era o próprio caminho dos canoeiros de “pelotas”. As ações cotidianas de levar e trazer os cavalos aos pastos da região desenvolvidas pelos dos carroceiros catadores. No ato de garantir que os bueiros e entre eles a própria ponte dos arcos continuem funcionando, para que o lugar e seus habitantes permaneçam por ali. Sagas diárias de luta para manter aquilo que sempre lhes deu abrigo, mesmo como escravizados, mas que lhes assegura uma mesa com algo para comer, um lugar para morar, uma vida com história para contar, um trajeto de uma população que se faz representar por aqueles que sempre estiveram ali, pescadores de mais de dois mil anos, cavaleiros, cavalgaduras, caminhos e mitologias, ou seja a manutenção do Imaginário do *Passo dos Negros*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. Discurso Preliminar. In: _____. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CHILDE, Gordon. **Introdução a Arqueologia**. Lisboa: Europa–America, 1961.

DEAGAN, Kathleen. Líneas de investigación en arqueología histórica. **Vestigios**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 61–93, 2008.

DIAS, Adriana Schmidt; HOELTZ, Sirlei E. Indústrias Líticas em Contexto: O Problema Humaitá na Arqueologia Sul Brasileira. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 40–67, 2010.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.

_____. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

CARLE, Cláudio Baptista. O imaginário do espaço arqueológico do Passo dos Negros. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 205–215, jan./jun. 2017.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

SANTOS, Orlando J. **O ebó no culto aos orixás**. Rio de Janeiro, Pallas, 1993. v. 3.

SCHMITZ, Pedro I.; NAUE, Guilherme; BECKER, Itala I. B. Os aterros dos campos do sul: a Tradição Vieira. In: SCHMITZ, Pedro I. (Org.). **Pré-história do Rio Grande do Sul: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil**. São Leopoldo: Unisinos, 2006 [1991]. p. 102–132. (Coleção Documentos, 5).

SILVA, Juremir M. Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito. 2003. Disponível em: <http://leandromarshall.files.wordpress.com/2008/01/tecnologias-do-imaginario3a1rio1.pdf>. Acesso em: abr. 2012.

_____. As tecnologias do Imaginário. In: PERES, Lúcia Maria Vaz (Org.). **Imaginário: o “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano**. Pelotas: UFPEL, 2004.

_____. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Da ciência moderna ao novo senso comum. In: _____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

AUTOR

Cláudio Baptista Carle

Professor do Curso de Antropologia, Linha de Formação em Arqueologia, Mestre e Doutor em História (PUCRS). GPCIE – Grupo de Pesquisa Cultura, Imaginário e Educação (CNPq). Mestrado em Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia – PPGAnt; Departamento de Antropologia e Arqueologia, DAA– Instituto de Ciências Humanas – ICH, <http://www.ufpel.tche.br/ich/> – Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: cbarle@yahoo.com.br.

CARLE, Cláudio Baptista. O imaginário do espaço arqueológico do Passo dos Negros. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 205–215, jan./jun. 2017.

Recebido em: 19/06/2017.
Aprovado em: 05/07/2017.
Publicado em: 13/12/2017.